

# Equatorial

v.13 n.24 | jan./jun. 2026  
ISSN: 2446-5674

## Editorial

O número 24 da Revista Equatorial toma tempo e espaço para se debruçar no envelhecimento como campo etnográfico, de produção epistemológica criativa e crítica. O dossiê “Velhices e Experimentações Teórico-Methodológicas na Antropologia”, organizado pelas antropólogas Kárita Segato (PPGAS/UFG) e Amada Raquel (PPGAS/UFRN). No lugar de um tema que centraliza e homogeneiza a pesquisa, os dez trabalhos que compõem o dossiê nos oferecem abordagens etnográficas criativas e metodologias inovadoras. Além da alegria do anúncio deste número, gostaria de adicionar o agradecimento a todas às pessoas que o construíram com tanto trabalho e generosidade, desde autores e autoras, pareceristas e a equipe da Equatorial, que existe graças ao empenho do corpo docente e discente do PPGAS/UFRN.

O dossiê apresenta oito artigos, um ensaio visual e um relato etnográfico capazes de demonstrar o envelhecimento como experiência plural, complexa e situada. Esses trabalhos exploram a importância de métodos sensíveis na pesquisa etnográfica. A seção de trabalhos do fluxo contínuo dá vazão e continuidade ao tema do dossiê, com campos de investigação diversos e metodologias inovadoras. Assim como a capa, que nos oferece uma perspectiva do envelhecimento, construída por Katianne Almeida, este número da Revista Equatorial põe em evidência pesquisas que posicionam perspectivas etnográficas distintas a temas que têm em comum. Regimes de memória, identidade e estigmas são alguns dos temas comuns entre os trabalhos, sendo cinco artigos, um ensaio visual e uma resenha.

Em *A construção e a valorização da identidade étnico-racial na educação infantil*, Diego Vinícius Brito dos Santos faz uma investigação etnográfica com crianças que têm bonecas negras inseridas no seu cotidiano, em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) na capital do Rio Grande do Norte. Em uma etnografia invadida pelas dinâmicas do campo escolar, Santos reflete, junto a imagens e registros no caderno de campo, padrões de gênero e branquitude a serem postos em xeque por alunos e alunas de dois a três anos

de idade. Ainda no campo de uma etnografia no contexto educacional, o texto *Antropologia da Educação em Darcy Ribeiro: um projeto político*, de Luiz Otávio Pereira Rodrigues sugere, a partir da sua pesquisa documental, uma Antropologia da Educação feita por Darcy Ribeiro como projeto político articulado a seus ideais emancipatórios para o Brasil. Porém, o que demonstra Rodrigues é que o projeto educacional de Ribeiro se alinhava com seus interesses estatais, se distanciando das teorias educacionais.

Indo para uma Antropologia da Saúde, em uma pesquisa entre estudantes de medicina da Universidade Federal do Vale do São Francisco, José Hermógenes Moura da Costa explora a percepção ambígua entre esses estudantes sobre a maconha e seu uso medicinal, na peça intitulada *Erva do Diabo ou Panaceia: percepções de acadêmicos de medicina do Vale do São Francisco sobre usos terapêuticos da maconha*. O que Costa demonstra é o deslocamento do campo terapêutico para o moral entre no âmbito da medicina quando o assunto é a Cannabis, considerada como legítima na determinação do seu uso. Assim, o estigma da Cannabis como “fumo de negro” continua forte, mesmo quando acompanhado pelo potencial de “remédio”, ditando a sua inserção no uso terapêutico do Sistema Único de Saúde (SUS).

Seguindo o tema das dissidências, em uma Antropologia Urbana, Juno Ferreira realiza uma pesquisa etnográfica com mulheres que “envelhecem junto à paisagem urbana” na pista, em São Paulo. Cassandra (60 anos) e Rita (55 anos) desafiam a heterossexualidade que ativa o erótico e o prazer apenas em relação à juventude. Em *Heterossexualidade dissidentes? As economias sexuais urbanas na prostituição feminina em São Paulo*, Ferreira apresenta essas mulheres como agentes do próprio corpo e subversoras da domesticidade do corpo feminino em envelhecimento biológico.

Seguindo o tema da identidade e da disputa, Muryel Moura dos Santos adentra o constrangimento no artigo *As fronteiras dos selves e os constrangimentos nos eventos de Heavy Metal underground*, pensando identidade e estigma na cena Metal de Campina Grande (PB). Em sua observação participante, Santos analisa a presença da vergonha e do constrangimento gerados pelo conflito entre Metal secular (*headbangers*) e Metal Cristão (*White Metal*). O primeiro grupo utiliza o constrangimento como controle social para a reinserção dos indivíduos “manchados” pela religião ao grupo.

No ensaio visual *Disputar a “memória nacional” a partir dos acervos familiares negros*, Ana Clara Damásio oferece os acervos familiares negros como dispositivo que reinscreve a história coletiva do Brasil, em uma crítica às lógicas institucionais sobre arquivos que

frequentemente apagam a presença negra. O acervo das famílias negras é proposto como “contra-acervo” que desafia as narrativas hegemônicas de dor e subalternidade.

Marcelo Barbosa Duarte, partindo de uma reflexão teórica, dialoga com a busca humana pelo transcender e permanecer, em seu texto intitulado *A Resenha ensaística do Banquete de Platão: dimensões e esferas psíquicas, éticas, estéticas, políticas e comportamentais – reflexões para compreender a geopolítica*. Em uma espécie de arqueologia do desejo, Duarte aponta a inquietude e a busca pelo belo como dimensões estruturantes da vida social.

Neste sentido, mesmo localizados no fluxo contínuo, alguns trabalhos contribuem para a proposta do dossiê de pensar as velhices como um campo de invenção etnográfica. Em seus diferentes formatos, as peças publicadas no número 24 contribuem ao tensionar as fronteiras da experiência e da teoria, encaixando ao centro da análise diferentes dimensões culturais existencialmente complexas.

Seguindo a chamada do dossiê que dá nome a este número 24, convidamos leitores e leitoras a conferir os trabalhos e se inspirarem pelas inovações teórico-metodológicas, elaborações sensíveis e pelo encontro de temas em campos etnográficos tão distintos.

**Gabriela Novaes Santos**

Membro da Equipe da Revista Equatorial  
Mestra em Antropologia Social (PPGAS/UFRN)